

Jugend Brasiliens

Mitreden und Zukunft gestalten

www.kooperation-brasilien.org



Titel: **Método Paulo Freire até os dias de hoje**

Datum: 17.11.2018

Uhrzeit: 11:00 Uhr

Podium/Input:

DELCI FRANZEN (MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE / MISEREOR BERATUNGSINSTANZ CAIS)

ADRIANO MARTINS (MISEREOR BERATUNGSINSTANZ CAIS)

Moderation : REGINA REINART (MISEREOR)

Protokoll: Stefanie Rackes da Silva

Os participantes tiveram à sua disposição uma série de frases de Paulo Freire. Cada um devia escolher aquela com maior significado pessoal. Esta foi a estratégia de abertura e de apresentação do segundo Fórum. Cada um dos participantes realizou uma breve apresentação pessoal, mostrando os motivos de sua escolha e o papel da educação em suas vidas. Uma das principais razões levantadas foi a importância do diálogo em tempos de insegurança no cenário político e social brasileiro, sobre as diferenças entre os sistemas brasileiro e alemão, bem como a necessidade urgente de talvez pensar a pedagogia de Paulo Freire frente a um sistema educativo alemão extremamente excludente, principalmente levando em consideração as crianças e jovens migrantes/refugiados na Alemanha.

As moderadores do Fórum explicaram qual era a pedagogia utilizada por Paulo Freire de alfabetização de adultos em regiões periféricas e rurais brasileiras. Essa pedagogia consiste em tirar um tema gerador de uma roda de discussão, no caso o tema gerador do Fórum seria a própria palavra “educação”. Uma vez encontrada a palavra principal, os participantes foram convidados a dizer a primeira palavra que lhes vinha à cabeça quando se falava “educação”. As palavras levantadas pelo grupo foram inclusão, transformação, resiliência, escuta. Os participantes selecionaram então uma das palavras sugeridas. A escolhida foi ES-CU-TA. Dessa palavra foi possível tirar várias palavras de cada uma das sílabas, este seria o método de alfabetização freiriano. Esse método faz com que as pessoas escrevam a partir da palavra, e não a partir do alfabeto. Paulo Freire fazia um primeiro texto de forma coletiva com esse método de alfabetização. Os participantes do Fórum escolheram a palavra “escolha” que é considerado um vocabulário de alto nível, tendo em vista o background dos participantes. No entanto, um grupo de pedreiros, por exemplo, palavras mais simples como “martelo”, e ligados à sua profissão, saíram como a palavra do tema gerador.



Figura 1: Método alfabetização de Paulo Freire

Uma pergunta levantada foi a de que se outros países também aplicavam o método de Paulo Freire. Regina da Misereor explicou que se aplicaria sim em países africanos e de que há um próprio pedagogo americano que aplicava um método indutivo similar nos EUA. Na Alemanha, em Munique, há já há esse método de alfabetização para migrantes/refugiados.

A ideia é de que TODA a comunidade é desafiada quando se aplica o método do Paulo Freire.

Logo em seguida é apresentado um vídeo do Paulo Freire, sobre o processo de construção das sílabas e das palavras. Ele apresenta o fato de ser analfabeto como um peso de escravidão, de opressão. Os oprimidos sempre resistem, e Paulo Freire realça a necessidade de se reconhecer os oprimidos como sujeitos. Nas eleições a educação voltou a ser o foco de discussão. O método bancário de educação é muito opressor. O livro *Pedagogia do Oprimido* vai ao cerne do problema da educação. Tanto o opressor quanto o oprimido são desumanizados e vivenciam o medo da liberdade. O próprio opressor também tem medo da liberdade.

Logo em seguida, as moderadoras voltam a suas apresentações. A conquista da autonomia é o único caminho para um aprendizado humanizador e para permitir-se questionar as próprias relações familiares e comunitárias. Ter essa possibilidade de questionar. Para Paulo Freire o analfabetismo seria apenas outra forma de escravidão. O Paulo Freire influenciou vários intelectuais mundo afora, inclusive a própria UNESCO.

As moderadoras mostram um filme sobre o MEB, *Movimento Educação de Base*, movimento que se originou com a Igreja Católica em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco. O MEB adotou o método do Paulo Freire: “ver, usar e agir”. É um movimento do trabalhador e também é um organismo da Igreja Católica, sempre atuando nas comunidades. O MEB portanto tem por objetivo alfabetizar adultos e jovens das comunidades mais carentes utilizando educadores locais. Somente os educadores locais é que conseguem identificar os analfabetos, porque há uma vergonha social em ser analfabeto e normalmente o analfabeto tem vergonha de se identificar como tal. As moderadoras explicam que houve muito

investimento noEJA para resultados quantitativos e qualitativos insignificantes. A grande questão do Paulo Freire é o diálogo do confronto.

São então expostas fotos do projeto sobre um mapa do Brasil, que se constituem em grupos de alfabetização popular em comunidades pequenas brasileiras:



Figura 2: Ação do MEB no Brasil

Há uma ameaça de fechamento de algumas salas de alfabetização popular. Em Brasília há um acampamento interno de moradia, chamando à comunidade a enfrentar as dificuldade locais (assentamento irmã Dorothy). O educador é formado para discutir ativamente políticas com a comunidade, não é só a alfabetizar. Há uma formação continuada do educador. O educador ao final se torna um líder comunitário, e isso tem um impacto mais significativo ainda entre as mulheres. Logo após são apresentadas outras fotos do assentamento.



Figura 3: Ação do MEB no Brasil em assentamentos comunitários

Quando a educadora se torna liderança há uma transformação real da comunidade, como debates públicos, hortas, etc. A moderadora narra vários exemplos concretos do projeto. Depois Misereor mostra notícias atuais sobre o movimento de oposição do governo atual ao método de Paulo Freire, como o vídeo da deputada catarinense pedindo aos alunos para filmar os professores que se posicionassem politicamente contra o governo atual. Depois, discutiu-se sobre o ensino à distância e o interesse privado.

Questionamentos levantados pelos participantes: Como o método Paulo Freire pode ajudar no analfabetismo funcional? Como funciona/tempo das capacitações? Quem financia os professores do MEB? Quem decide pra qual região que o MEB vai? Como funciona a educação à distância e ela não seria uma oportunidade?

A decisão sobre qual estado atender é baseada no número de analfabetos e onde o Estado não chega. Ver se a região tem a possibilidade de fazer o programa, as vezes a partir mesmo de movimentos sociais. Há uma formação de 40 horas, depois de formação continuada, seguida de um grande encontro de formação. Há um acompanhamento pedagógico e político. É um voluntariado completo, às vezes eles só fornecem uma bolsa auxílio, as vezes a Secretaria da Educação do Estado ou do Município lhes paga um salário quando assume a responsabilidade e parceria com o programa. O material de ensino é arrecadado através de campanhas e de mobilização comunitárias.

Sobre o analfabetismo funcional, não há projeto voltado só a isso. Mas há também projetos que se preocupam com esse ponto. O MEB não quer de forma alguma substituir a atuação do Estado, não quer acabar com o EJA: muitas vezes depois de iniciar a alfabetização comunitária, chega o EJA ao Estado, e o plano é, uma vez alfabetizados, encaminhá-los ao sistema público de ensino. Não há capital físico para a educação a distância, e é um pedaço no qual os empresários querem lucrar.

A questão da educação à distância é uma questão de redução de custos. 24000 escolas de campos já foram fechados, mas foi mais uma iniciativa municipal. Há empresas que tem interesse em implementar o ensino à distância. Não há reforço escolar público. Há uma tendência crescente de privatização da educação no Brasil.

Comentário: não ter bolsa é muito desmotivador. O MEB tenta conseguir de todo o jeito uma bolsa na mesma quantia da bolsa dada a um professor do EJA. Poucos não conseguem uma bolsa, mas normalmente eles têm. O MEB não tem condição de pagar, porque é um movimento, a igreja não paga nada, algumas ONGs pagam como a Misereor, até a merenda escolar é organizada de forma comunitária.

Outra questão levantada: celular é um dos meios de comunicação mais populares na África, ou seja, tem cada vez mais importância, e como a tecnologia influi no trabalho de alfabetização no trabalho desenvolvido pelo MEB?

E fato de Bolsonaro ter um projeto de construção de escolas militares?

Preocupação: horário integral e sem pessoal e proposta pedagógica. O aluno passa automaticamente, porque ele termina como analfabeto funcional. Só há um certificado. As escolas militares nada mais são do que escolas para a elite e altamente caras. Elas não são replicáveis. O que já acontece no Brasil é a ideologia militar em escolas públicas, os militares trabalham nessas escolas como responsáveis pela ordem e pela disciplina. Escola sem liberdade e sem pensamento crítico. As escolas públicas de boa qualidade existem, e há muitas no Ceará e a fórmula é simples: bons salários, apoio pedagógico aos professores, investimento e infraestrutura. Quanto à tecnologia, é um desafio ao MEB, pra educação popular como um todo. Nas regiões mais remotas as pessoas já tem celular. Não há computadores mas os celulares já chegaram. Desafio: entender aquele que se informa pelo Whatsapp. A campanha de Bolsonaro foi mais freiriana do que a esquerda, conheciam muito mais a população do que a esquerda.

Logo após os participantes debateram sobre o ensino religioso fundamentalista no Brasil, e a sua influência nas mídias. Na Guatemala há um projeto de como se pode ganhar, e como verificar a informação veiculada nas redes sociais. Um dos participantes complementou a parte das escolares militares, apontando que há também uma presença massiva de ex-militares da igreja pentecostal em escolas particulares como professores, ou como organizadores do sistema de ensino privado.

A última proposta foi a redação de um texto coletivo sobre “Reconquistar a bandeira brasileira”.



Figura 4: Texto coletivo freiriano

Cada um dos participantes deveria adicionar uma frase que tenha sentido com a antecedente posta pelo seu colega.

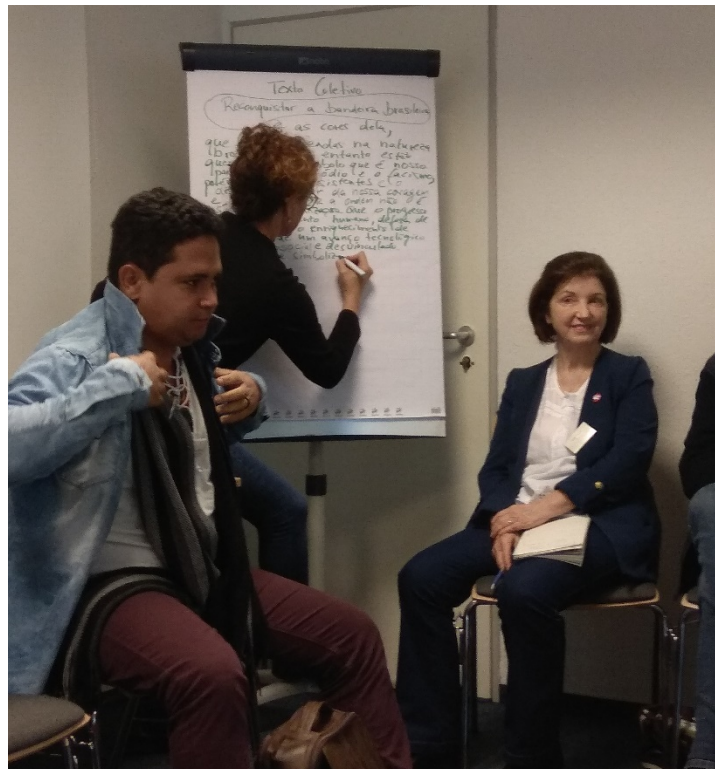


Figura 5: Texto coletivo freiriano pelos participantes do Fórum

Texto coletivo apresentado à Rundtisch:

“Reconquistar a bandeira brasileira e as cores dela, que foram baseadas na natureza brasileira, e no entanto estão querendo usar este símbolo que é nosso para justificar o ódio e o fascismo. Porém somos resistentes, e o desafio é o motor

da nossa coragem e esperança, onde a ordem não é o símbolo da militarização. Que o progresso seja o crescimento humano, defesa de direitos, e não o enriquecimento de poucos, e de um avanço tecnológico sem sentido social desvinculado. Onde o verde simbolize uma natureza sustentável com a Amazônia viva, Cerrado, Pampa, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal. Onde o amarelo represente a riqueza para todos e todas e onde o azul garanta águas mais limpas, e fontes de vida com diversidade”.

Partiipantes Fórum 2